













ARMA DE HERÓIS: ARROJO TÁTICO E VALORES TRANSCENDENTAIS

A história da guerra é, em sua essência, a narrativa da busca humana pela superação do espaço e do tempo. A necessidade de obter vantagem decisiva sobre o oponente levou à integração do homem ao cavalo, criando um vetor de força que mudaria o destino das civilizações. Dessa gênese, provém o termo sânscrito "AKVA", que significa combater em superioridade de posição. Uma definição que, milênios depois, continua sendo a alma da Cavalaria. Nascida da busca por flanquear, envolver e perseguir, utiliza a mobilidade não apenas para se deslocar, mas para ditar o ritmo do combate.

Essa vantagem tática, no entanto, só se tornou lendária quando encontrou o caráter humano. Foi na cultura cavaleiresca que o combatente montado deixou de ser apenas um soldado para se tornar o guardião de um código de honra. Figuras como Guilherme Marechal, um nobre inglês considerado o maior cavaleiro da Idade Média, regente da Inglaterra e conselheiro de cinco reis personifica essa transição ao unir a maestria técnica ao ímpeto ofensivo e conduta ilibada. Eternizou que a Cavalaria é, acima de tudo, uma questão de espírito: uma mistura de audácia e lealdade que estabeleceu bases morais que, séculos mais tarde, encontrariam solo fértil nas vastas fronteiras do Brasil.

A origem da Cavalaria brasileira remonta à fundação do Regimento de Dragões Auxiliares em terras pernambucanas logo após o desfecho das batalhas contra o invasor em Guararapes. Na

sequência, a Era Pombalina instituiu, no Rio de Janeiro, o Regimento de Dragões, destinado a garantir a unidade nacional e a prover prontidão operativa diante de ameaças à soberania. Essa trajetória de bravura alcançou seu ápice geográfico nas vastidões gaúchas com os Dragões do Rio Grande.

A Cavalaria brasileira tem, como patrono, o Marechal Manoel Luis Osorio. Nascido em 1808, na Vila de Nossa Senhora da Conceição do Arroio, atual município de Osório, no Rio Grande do Sul, é filho de Manoel Luis da Silva Borges e Ana Joaquina Osorio. Desde a mais tenra idade, Osorio já demonstrava interesse pela vida militar. Assentou praça aos 15 anos de idade, sendo voluntário no Regimento de Cavalaria da Legião de Tropas Ligeiras de São Paulo, acompanhando a unidade comandada por seu pai na luta contra as tropas lusitanas estacionadas na Cisplatina, as quais não aceitavam a Independência do Brasil.

Seu batismo de fogo ocorreu às margens do arroio Miguelete, nas proximidades de Montevidéu, onde participou do combate contra a Cavalaria portuguesa. Tal fato marcou o início de sua brilhante trajetória militar.

No período de 1825 a 1827, participou das Campanhas da Cisplatina, sob o comando de Bento Manuel, onde combateu os orientais à testa de seus lanceiros, destacando-se por salvar a vida de seu comandante. Tal fato fez o Coronel Bento Manuel declarar: “Hei de legar-lhe a minha lança, Alferes, porque a levará aonde a tenho levado”.

Em 1855, Osorio foi incumbido de comandar a fronteira de São Borja. Após a promoção a brigadeiro-graduado, recebeu a incumbência de organizar uma expedição para descobrir ricos ervais no Alto Uruguai. Como reconhecimento pelo sucesso da missão, recebeu, posteriormente, o título nobiliárquico de Marquês do Herval.

Após a instituição do Tratado da Tríplice Aliança, em 1º de maio de 1865, o Marquês do Herval assumiu o comando e organizou o 1º Corpo do Exército Brasileiro, preparando-o para enfrentar o conflito provocado por Solano López.

Em 1866, na noite de 16 de abril, comandou a tropa brasileira que realizou a travessia do rio Paraná, em local conhecido como Passo da Pátria. Em sua ordem do dia, em 15 de abril, o Marechal Osorio declarou que “*é fácil a missão de comandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever*”.

Em solo paraguaio, esteve presente em grandes e decisivos combates, como Estero Bellaco, Tuiuti, Humaitá e Avaí. Durante a Batalha do Avaí, Osorio foi ferido gravemente. Mais tarde, esse ferimento o obrigaria a retirar-se em definitivo da campanha.

Por seu destacado êxito como soldado e líder, Osorio galgou todos os postos da hierarquia militar. Faleceu em 4 de outubro de 1879. Quase um século mais tarde, passou a ser reverenciado como Patrono da Arma de Cavalaria.









O tempo avançou e o século XX trouxe o desafio das metralhadoras e o impasse das trincheiras. Foi nesse contexto que a Cavalaria provou sua resiliência e flexibilidade. O advento do carro de combate permitiu-lhe retomar o protagonismo do choque. No Brasil, o Marechal José Pessoa foi o pioneiro dessa evolução, sendo o primeiro oficial brasileiro a comandar um pelotão de carros de combate em situação de combate, operando os inovadores Renault, FT-17, no Exército Francês durante a Grande Guerra.

Essa evolução atingiu sua maturidade nos campos da Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Sob o comando do então Capitão Plínio Pitaluga, o 1º Esquadrão de Reconhecimento Mecanizado da FEB perpetuou feitos brasileiros na Itália. As vitórias no cerco de Collecchio e a rendição da 148ª Divisão Alemã em Fornovo foram a constatação de que a modernização contínua é o combustível que mantém a Cavalaria à frente de amplos horizontes.

Essa herança, forjada no calor dos feitos históricos, manifesta-se hoje na pluralidade da Arma, que se adapta à vastidão do território brasileiro. Dos pampas do sul aos lavrados do norte, a Cavalaria projeta o Braço Forte do Exército, garantindo a impulsão e a agilidade da manobra por meio de suas viaturas blindadas e mecanizadas. Do mesmo modo, as unidades Paraquedista e Leve compõem a pronta resposta em terrenos variados. A Arma Ligeira atua em perfeita sinergia com as demais Armas, Quadros e Serviços, multiplicando o poder de combate da Força Terrestre. Por fim, nos Regimentos de Cavalaria de Guarda, a tradição e o garbo se fundem. Nessas unidades hipomóveis, nosso nobre amigo e companheiro nas cargas permanece vivo e com o seu lugar de direito nos cerimoniais e nas escoltas de honras.









www.eb.mil.br

Além do preparo e emprego nas operações convencionais, a Arma de Heróis também atuou em operações de estabilização, participando das complexas operações de Garantia da Lei e da Ordem (GLO), nas quais a Cavalaria manifesta-se como fator de dissuasão e segurança. Sob a égide das Nações Unidas, o Cavalariano tornou-se um Soldado da Paz, levando segurança a nações em conflito, como no Haiti. Na MINUSTAH, projetou a solidariedade e o profissionalismo do soldado brasileiro.

No complexo ambiente operacional moderno, a vanguarda não é apenas uma questão posicional, mas também uma vantagem tecnológica. A Cavalaria permanece como a Sentinela Avançada do Exército, mas agora, seus olhos dispõem de sensores optrônicos e equipamentos de comando e controle integrados, que transformam a informação bruta em consciência situacional instantânea. A essência da Arma se manifesta na capacidade de captar dados mais rápido que o inimigo, garantindo que se antecipe a ameaça antes de ser detectado, criando condições para acelerar o ciclo decisório. Essa nova era é robustecida por plataformas como a VBMT–LSR 4X4 Guaicurus e a VBTP-MSR 6X6 Guarani, que conferem proteção blindada às frações, e a VBC Cav Centauro II, que combina a blindagem

e o elevado poder de fogo com a velocidade de deslocamento sobre rodas. Além dos meios blindados, os dispositivos avançados de vigilância, como os radares Sentir M20 e Saber M60, permitem o monitoramento da área de operações.

Tais inovações não substituem o espírito do soldado e o culto às tradições. Elas os potencializam. Ser Cavalariano é dominar a complexidade desses sistemas para que, no momento decisivo, a ação de choque seja tão devastadora quanto às cargas de outrora. Ao olharmos para essa trajetória, percebemos que a Cavalaria é um fio de aço que une os séculos. Se as armas mudaram da lança para o canhão, o motor que as impulsiona continua sendo o mesmo: o espírito indômito que não conhece o recuo. É a herança dos heróis do passado em sinergia com a proficiência técnica dos sistemas de combate modernos. Ser de Cavalaria é carregar um legado de séculos no peito e a responsabilidade do amanhã nos ombros, mantendo a chama da tradição acesa.

Aos discípulos de Osorio, fica a missão de honrar sua data com o compromisso de quem sabe que a vanguarda é o seu lugar de direito. Que o orgulho de ostentar as esporas e as lanças seja a força para superar os desafios da modernidade. Que a audácia continue sendo a sua guia e o dever, o seu Norte, pois a história e o futuro convergem para uma única e eterna verdade: "*Haverá Sempre Uma Cavalaria*"!









www.eb.mil.br